

# DO QUARTO DE DESPEJO AO QUARTO DE CURA: RAÇA E TERRITÓRIO EM CAROLINA MARIA DE JESUS<sup>1</sup>

Nivea Matias Silva<sup>2</sup>

## RESUMO

Na presente pesquisa analisaremos o livro *Quarto de Despejo-diário de uma favelada* (2014), da escritora Carolina Maria de Jesus, publicado pela primeira vez em 1960, a partir de uma perspectiva territorial da população negra na cidade de São Paulo. Nosso objetivo é abordar a racialização dos territórios, o papel do negro no processo de urbanização da cidade, propondo a intervenção de um "Quarto de Cura", tendo como base a cosmovisão africana, maternidade e decolonialidade dos corpos-territórios.

**Palavras-chave:** Jesus, Carolina Maria de, 1914-1977 - Crítica e interpretação. Negros - Segregação - São Paulo (SP). Quarto de despejo: diário de uma favelada - Crítica e interpretação.

## ABSTRACT

This research seeks to analyze Carolina Maria de Jesus' novel, *Quarto de Despejo* (2014), released in 1960 for the first time, from a territorial perspective about São Paulo's black population. As main objectives we focus on territorial racialization, black people's role in the urbanization processes of the city, suggesting a "Healing room" as an intervention, based on African Cosmogony, motherhood and a body and territorial decoloniality.

**Keywords:** Black people - Segregation - São Paulo (SP). Jesus, Carolina Maria de, 1914-1977 - Criticism and interpretation. Quarto de despejo: diário de uma favelada - Criticism and interpretation.

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ludmylla Mendes Lima.

<sup>2</sup> Graduanda do curso Bacharelado em Humanidades pela UNILAB.

## 1 INTRODUÇÃO

*Querida Bitita*<sup>3</sup>

*De todas as forças que Oyá soprou na Terra  
 você foi a mais bela entre elas.  
 A poetisa que Sacramento viu nascer,  
 e o Brasil não soube reconhecer.  
 Entre suas linhas, frases e vida,  
 catadora de papel não foi sujeito,  
 nem favelada seu único adjetivo.  
 Mas escrita virou verbo  
 Eu escrevo porque tu escreveste,  
 E nós?  
 Nós escrevemos e reverenciamos a sua memória.  
 Enquanto uma mulher preta sorrir  
 Você jamais será esquecida.*<sup>4</sup>

No presente trabalho realizamos uma análise do livro *Quarto de Despejo-diário de uma favelada* (2014), da escritora Carolina Maria de Jesus, publicado pela primeira vez em 1960. Nosso objetivo é analisar a construção territorial da população negra na cidade de São Paulo tendo como base esta obra.

O desenvolvimento deste tema se construiu a partir da necessidade de pensarmos as divisões territoriais da cidade de São Paulo presentes no livro *Quarto de Despejo- diário de uma favelada*, principalmente na perspectiva racial, onde negros(as) e brancos(as) ocupam diferentes espaços sociais.

Para este desdobramento foi necessária uma reconstituição histórica que possibilitou um maior entendimento do processo de integração da população negra na capital paulista no período pós abolição<sup>5</sup>, e do seu desenvolvimento urbano. Relacionamos também neste trabalho os efeitos psíquicos da territorialidade mental causada pela divisão racial dos espaços<sup>6</sup>.

A busca pelo entendimento da formação familiar de Carolina Maria de Jesus e suas construções sociais enquanto mulher negra e mãe solo possibilitaram um aprofundamento nesta temática. Foi a partir disso que conseguimos traçar as nuances do quarto de despejo ao "quarto de cura", proposta de intervenção literária

<sup>3</sup> Bitita: apelido de Carolina Maria de Jesus em sua infância.

<sup>4</sup> Poesia autoral realizada após a visita à exposição "Carolina Maria de Jesus: Um Brasil para os brasileiros" no Instituto Moreira Salles (IMS). São Paulo. set/2021.

<sup>5</sup> No dia 13 de maio de 1888 a Princesa Isabel assinou a Lei Áurea, declaração de libertação dos escravizados no país.

<sup>6</sup> Conceito criado por Lélia Gonzalez (1982)

de um lugar seguro idealizado para a criação dos três filhos de Carolina Maria de Jesus.

Acreditamos que os resultados desta pesquisa só foram possíveis através de uma colaboração coletiva (direta ou indireta), pois, quando lemos e citamos homens e mulheres negras, como Franz Fanon, Lélia Gonzalez, Milton Santos, Carolina Maria de Jesus, entre outros(as), promovemos um diálogo e evocamos uma ancestralidade viva, presente em cada um desses corpos.

Assim como nos ensina o provérbio iorubá “Exu matou um pássaro ontem com uma pedra que só jogou hoje”<sup>7</sup>, consideramos que este trabalho transgride as fronteiras do tempo e espaço através da literatura transformadora de Carolina Maria de Jesus. Se hoje eu escrevo, foi porque vieram outras (os) antes de mim e abriram os caminhos.

Eu, mulher negra, dofonitinha de Obatalá, nascida e criada na Zona Leste, região periférica da cidade de São Paulo, sonhava em ser escritora desde pequena, um sonho que eu achava pouco provável para aquelas que se pareciam comigo, até conhecer Carolina. Lendo *Quarto de despejo-diário de uma favelada* me vi submersa nas águas de uma escrita íntima, que transbordava memórias e que muitas vezes deságuam nas mesmas histórias que vovó Dirce me contava sobre a cidade de São Paulo, território em que sempre tive dificuldade de me sentir pertencente, consequência do racismo presente na cidade, mas que, ao mesmo tempo, remetia a um sentimento ambíguo, pois também foi o território onde as mulheres negras da minha família construíram nosso lugar seguro, o nosso quarto de cura.

Rua Cordova, 298 - Vila Prudente-São Paulo/SP

A bença,  
Peço licença,  
para minhas memórias descrever.  
Ainda vejo a casa,  
ali, toda a família Matias já fez morada.  
As rosas na entrada,  
as arrudas na saída.  
Os meninos gritando e brincando.  
Lá vem a tia Zilda,  
casa cheirando a angu e galinha.  
18h era a Ave Maria,  
os mais novos corriam,  
a avó gritava  
"Bota o copo com água"  
a gente obedecia.

---

<sup>7</sup> Autor desconhecido, provérbio proveniente de uma cultura oral.

A água era benzida, e distribuída  
Matava a sede, e o olhado,  
curava até coração magoado.  
"Deus te benze e te guarde de todo mal, minha filha",  
era assim que ela dizia,  
é assim que eu lembro,  
era assim que se fazia...<sup>8</sup>

Partindo das memórias afetivas e sociais que a leitura de *Quarto de despejo-diário de uma favelada* (2014) despertou, construíram-se os primeiros questionamentos para esta pesquisa, os quais pretendemos responder no decorrer do desenvolvimento deste trabalho. As seguintes questões nos motivaram:

- a) A racialização dos territórios é um fato? Como ela ocorre?;
- b) Qual o papel do negro no processo de urbanização da cidade de São Paulo? e;
- c) Como se dá a construção do lugar seguro do negro na cidade de São Paulo?.

Antes da exposição dos dados coletados que contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa, faz-se necessário saber quem foi Carolina Maria de Jesus. Quais foram as suas trajetórias na infância, adolescência e vida adulta; seu processo de escrita; contexto social e psicológico em que era inserida; e sua experiência enquanto moradora da favela do Canindé.

Carolina Maria de Jesus nasceu no dia 14 de março de 1914 na cidade de Sacramento, no estado de Minas Gerais, em uma família de sete ou nove irmãos (há divergências sobre este dado). Ela se dizia descendente de escravizados. Carolina estudou somente até o segundo ano do ensino primário, sendo obrigada a largar os estudos para trabalhar. Sua maior influência na infância está na figura intelectual de seu avô, chamado de Sócrates Africano.

Durante a adolescência eram comuns as recorrentes mudanças que a família precisava realizar em busca de uma vida econômica melhor. Eles passaram por diversas cidades do interior do estado de São Paulo, onde Carolina trabalhava em casas de família como empregada doméstica. Em 1947 mudou-se para a capital paulista, também trabalhando como empregada doméstica e em outras ocupações, como auxiliar de enfermagem, artista de circo e catadora de papel.

---

<sup>8</sup> Poesia autoral, realizada em junho de 2021, que descreve minhas memórias afetivas com relação a casa de minha avó, onde morei até os meus 10 anos, localizada na zona leste da cidade de São Paulo.

Foi trabalhando na casa do médico Euriclides Zerbini que Carolina teve seu primeiro contato com uma biblioteca. Mas em 1948, ao engravidar pela primeira vez, perdeu o emprego e teve que se mudar para a favela do Canindé, às margens do rio Tietê, zona norte da cidade de São Paulo, onde nasceu João José. Dois anos depois nasceu José Carlos, seu segundo filho, e em 1953 nasceu Vera Eunice. No dia 15 de julho de 1955 Carolina começou a escrever seu diário que deu origem à primeira edição do livro *Quarto de despejo- diário de uma favelada*.

Em maio de 1958, conheceu o repórter da *Folha da Noite* Audálio Dantas, que se impressionou com seus escritos, publicando alguns trechos no jornal. Com uma resposta favorável do público, Audálio também foi o responsável pela negociação com a Editora e Livraria Francisco Alves, que realizou a primeira publicação do seu livro.

Em 1960 foi lançada a primeira edição do livro *Quarto de Despejo-diário de uma favelada*. *Best-seller* da época, o diário íntimo vendeu cerca de cem mil cópias na primeira semana. Na época, Carolina recebia 10% do valor da capa, e Audálio Dantas 5%. Traduzido para mais de quarenta países, o livro se tornou uma febre, transformando Carolina em uma pessoa pública.

Depois do sucesso, Carolina mudou-se com seus três filhos para uma casa em Santana, bairro de classe média da cidade de São Paulo, onde sofreu muito com o racismo da vizinhança e o assédio da imprensa, que insistia em destinar a ela um papel de subalternidade como “favelada”, sempre apresentada com lenço na cabeça e trajas gastos, personagem no qual Carolina nunca se encaixou.

Em novembro de 1961 foi lançado seu segundo livro, *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada*, que não teve a mesma repercussão que o primeiro livro. No mesmo ano, *Quarto de despejo-diário de uma favelada* foi adaptado ao teatro por Edy Lima. Em 1969, Carolina editou por conta própria um livro de provérbios, na mesma época mudou-se para uma chácara na periferia de São Paulo. No dia 13 de fevereiro de 1977 Carolina morreu no anonimato e longe dos holofotes.<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> Informações retiradas das seguintes obras: GOMES, Flávio dos Santos, Jaime Lauriano e Lilia Schwarcz. *Enciclopédia Negra* 1ºed. São Paulo: Companhia das Letras, p.108-110, 2021. SOUSA, Germana Henriques Pereira de. Memória, autobiografia e diário íntimo: Carolina Maria de Jesus: escrita íntima e narrativa da vida. In: Hermenegildo Bastos; Adriana de F. B. Araújo (Org.). *Teoria e prática da crítica literária dialética*. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, p. 86-108, 2011.

## 2 EM SACRAMENTO NASCEU UMA POETISA

A partir da apresentação da vida e obra de Carolina Maria de Jesus, começamos a entender os caminhos que levaram a escritora a construir sua trajetória na literatura brasileira. Ao analisarmos *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014), Carolina Maria de Jesus nos convida a revisitar suas memórias cotidianas na favela do Canindé, localizada na zona norte da cidade de São Paulo, às margens do rio Tietê, onde morava com seus três filhos, e catava papel pelas ruas da cidade para custear a sobrevivência familiar. Baseada nessas informações, nos desafiamos a entender os estímulos que contribuíram para a construção dos diários que deram origem ao livro *Quarto de despejo- diário de uma favelada*.

Apesar de ter estudado somente até o segundo ano do ensino primário, Carolina apresentava indícios do seu interesse pela literatura desde a infância. A figura do avô chamado de Sócrates Africano contribuiu muito para este estímulo. Sua mãe ao visitar um médium<sup>10</sup> a procura de ajuda, ouviu a seguinte profecia relatada no livro *Diário de Bitita* (1986):

Minha mãe queixou-se que eu chorava dia e noite. Ele disse-lhe que o meu crânio não tinha espaço suficiente para alojar os miolos, que ficavam comprimidos, e eu sentia dor de cabeça. Explicou-lhe que, até os vinte anos, eu ia viver como se estivesse sonhando, que a minha vida ia ser atabalhoada. Ela vai adorar tudo que é belo! A tua filha é poetisa; pobre Sacramento, do teu seio sai uma poetisa. E sorriu. (SOUSA, 2011, p.88, apud JESUS, 1986, p.71).

O médium estava certo, Carolina era uma poetisa, e adorava tudo que era belo, mesmo que esta beleza saísse dos lixos da cidade, como cadernos e livros.

No dia 15 de julho de 1955 seu diário foi iniciado. Carolina, sendo mãe solo, criava seus três filhos sozinha, recebendo pouca ajuda externa. Desconfiada sobre as intenções alheias, a sua escrita surge como um desabafo e instrumento de defesa contra as confusões que surgiam na favela, geralmente envolvendo seus filhos e os vizinhos. Mas não era só isso, seu sonho de publicar seus livros era o que movia a vida de Carolina, juntamente com o seu desejo de proporcionar um lugar seguro para a criação dos seus três filhos.

---

<sup>10</sup> Segundo o espiritismo, médiuns são pessoas capazes de se comunicar com espíritos, possuindo dons ou capacidade de perceber ações, situações ou coisas sobrenaturais. Naquela época o acesso à medicina era muito mais difícil, por isso era comum as famílias socialmente vulneráveis recorrerem às religiões em busca de cura para suas enfermidades físicas.

## 2.1 A ESCRITA DE CAROLINA

Em uma visão mais técnica, levando em consideração a gramática normativa da língua portuguesa, precisamos considerar a pouca escolaridade de Carolina nesta análise literária, não em um aspecto cartesiano de certo ou errado, mas para um maior entendimento de sua obra. Nas citações diretas do livro *Quarto de Despejo-diário de uma favelada (2014)* apresentadas nesta pesquisa, os leitores precisam se adaptar à ausência de pontuações, e à construções gramaticais baseadas na oralidade, como nos trechos: “enfim o mundo”, “as margens”, “viludos”, “horrível”, “vistido”, entre outros.

A partir dos trechos citados pretendemos pontuar a existência de diversas construções e variações linguísticas presentes no Brasil, as quais, muitas vezes, a gramática normativa não dá conta de explicar, principalmente em um contexto preto e periférico onde houve influências africanas na língua falada, como explica Lélia Gonzalez (1984) na definição de pretuguês.

É engraçado como eles gozam a gente quando a gente diz que é Framengo. Chamam a gente de ignorante dizendo que a gente fala errado. E de repente ignoram que a presença desse r no lugar do l, nada mais é que a marca linguística de um idioma africano, no qual o l inexistente. Afinal, quem que é o ignorante? Ao mesmo tempo, acham o maior barato a fala dita brasileira, que corta os erres dos infinitivos verbais, que condensa você em cê, o está em tá e por aí afora. Não sacam que tão falando pretuguês (GONZALEZ, 1984, p.16).

Mais que uma expressão comunicativa e/ou construção morfológica, a linguagem tem um papel fundamental na relação estabelecida entre colonizador e colonizado. O processo de colonização e alienação de um povo se dá principalmente pela assimilação cultural e linguística, ou seja, a capacidade do povo colonizador em impor ao povo colonizado sua expressão civilizatória.

Todo povo colonizado- isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural- toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana (FANON, 2008, p. 34).

Este fato explica o porquê de Carolina Maria de Jesus ser tão criticada pela elite acadêmica. Ser uma mulher negra e periférica fez com que sua literatura fosse muito questionada devido às suas expressões linguísticas, este fato está ligado ao

processo colonial de embranquecimento da linguagem e à perpetuação da cultura colonizadora.

“Enfim o mundo é como o branco quer. Eu não sou branca, não tenho nada com estas desorganizações” (JESUS, 2014, p. 70).

Um dos principais exemplos que representam essas desorganizações descritas no livro *Quarto de Despejo-diário de uma favelada (2014)* são as diferenças territoriais presentes na cidade de São Paulo, principalmente tendo em vista a perspectiva racial, onde negros(as) e brancos(as) ocupam diferentes espaços sociais.

### **3 CADA RUA DESTA CIDADE CINZA SOU EU<sup>11</sup>.**

Um dos assuntos mais frequentes abordados por Carolina no livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada (2014)*, o qual pretendemos aprofundar neste capítulo, é a representação da favela enquanto território e expressão de vida no cotidiano dos seus moradores.

Nós somos pobres, viemos para as margens do rio. As margens do rio são os lugares do lixo e dos marginais. Gente da favela é considerado marginais. Não mais se vê os corvos voando as margens do rio, perto dos lixos. Os homens desempregados substituíram os corvos (JESUS, 2014, p. 54).

Em uma visão pragmática descrita pelo dicionário, território quer dizer, “área de um país, de um Estado, de uma cidade, município etc...”, conseqüentemente, territorialidade é a “condição do que integra o território de uma nação”. Porém, ao pensarmos nas relações socialmente construídas entre indivíduos a partir de um passado colonial em que a Casa Grande-Senzala/Condomínio-Favela estabelecem uma identidade social e psíquica, o território passa a ser mais que um espaço geográfico delimitado e pertencente a um Estado, outras características e representações se formam, o que nos leva à definição de “território usado”, concepção descrita por Milton Santos (1999).

O território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento

---

<sup>11</sup> Trecho da música *Um corpo no Mundo* da cantora Luedji Luna, inspiração para desenvolvimento deste capítulo. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=V-G7LC6QzTA&ab\\_channel=ybmusic](https://www.youtube.com/watch?v=V-G7LC6QzTA&ab_channel=ybmusic)>



de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida (SANTOS, 1999, p. 8).

Nesta concepção, território é descrito como: chão mais identidade, pensamento que nos conduz à construção social do “ser favelado” não só a partir de delimitações geográficas, mas também considerando as implicações identitárias e psíquicas vivenciadas pelos moradores pertencentes a esses espaços criminalizados e racializados, onde seus corpos são expostos a condições de extrema vulnerabilidade.

As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo (JESUS, 2014, p.37).

Quando falamos na concepção de territorialidade no Brasil, nos deparamos com uma divisão racial herdada do passado colonial, onde brancos e negros são socialmente destinados a espaços diferentes, demarcando as diferenças entre infraestruturas arquitetônicas, acesso a saneamento básico, segurança pública, lazer, etc. Com o passar dos séculos, principalmente no pós-abolição, a casa grande foi substituída pelos condomínios, e as senzalas se transformaram nas favelas. Cada território foi destinado a um público dividido a partir da raça.

Desde a época colonial aos dias de hoje, a gente saca a existência de uma evidente separação quanto ao espaço físico ocupado por dominadores e dominados. O lugar natural do grupo branco dominante são moradias amplas, espaçosas, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes tipos de policiamento: desde os antigos feitores, capitães do mato, capangas etc., até a polícia formalmente constituída. Desde a casa-grande e do sobrado, aos belos edifícios e residências atuais, o critério tem sido sempre o mesmo. Já o lugar natural do negro é o oposto, evidentemente: das senzala às favelas, cortiços, porões, invasões, alagados e conjuntos “habitacionais” (cujos modelos são os guetos dos países desenvolvidos) dos dias de hoje, o critério também tem sido simetricamente o mesmo: a divisão racial do espaço (GONZALEZ, 1982, p.15).

A divisão racial dos espaços é perceptível na escrita de Carolina. O centro da cidade de São Paulo é descrito como um lugar cercado de luxo, remetendo a um ambiente lúdico e fascinante, quase inalcançável para uma mulher negra. Já a sua

descrição da favela nos leva a uma realidade amarga, um “quarto de despejo”, distante dos seus sonhos.

Passei uma noite horrível. Sonhei que eu residia numa casa residencial, tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada. Eu ia festejar o aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu ia comprar umas panelinhas que há muito tempo ela vive pedindo. Porque eu estava em condições de comprar. Sentei na mesa para comer. A toalha era alva ao lírio. Eu comia bife, pão com manteiga, batata frita e salada. Quando fui pegar outro bife despertei. Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela. Na lama, as margens do rio Tiête. E com 9 cruzeiros apenas (JESUS, 2014, p 39).

Percebemos que a territorialidade não alcança apenas espaços geográficos, mas também influencia na psique dos indivíduos. Essas territorialidades mentais são demarcadas pela subsistência dos indivíduos negros e pobres expostos a clandestinidade de suas próprias existências, onde seus corpos colonizados são condenados a vivenciar uma estrutura branca de não adequação.

No mundo branco, o homem de cor encontra dificuldade na elaboração de seu esquema corporal. O conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação. É um conhecimento em terceira pessoa. Em torno do corpo reina uma atmosfera densa de incertezas (FANON, 2008, p.104).

Ser favelada significava para Carolina viver à margem da sociedade, provocando em sua psique um sentimento de constrangimento e revolta, onde sua existência humana não era reconhecida, sendo obrigada a viver na clandestinidade dos parâmetros de existência da branquitude<sup>12</sup>.

Havia pessoas que nos visitava e dizia:

- Credo, para viver num lugar assim só os porcos. Isto aqui é o chiqueiro de São Paulo.

...Eu estou começando a perder o interesse pela existência. Começo a revoltar. E a minha revolta é justa (JESUS, 2014, p.35).

A revolta de Carolina era legítima e representava a vivência dos muitos negros e negras que vinham para a cidade de São Paulo em busca de melhores condições socio-econômicas e se deparavam com a racialização dos territórios.

A partir desta reflexão, retornamos aos questionamentos pontuados inicialmente nesta pesquisa: Como iniciou o processo de racialização dos territórios

---

<sup>12</sup> “branquitude, ou seja, traços da identidade racial do branco brasileiro a partir das idéias sobre branqueamento, um dos temas mais recorrentes quando se estuda as relações raciais no Brasil” (BENTO, 2002)

na cidade de São Paulo? e qual o papel do negro no seu desenvolvimentos urbano?. Para responder essas perguntas será necessária uma reconstituição histórica que possibilitará um maior entendimento do processo de integração da população negra na capital paulista no período pós abolição.

#### 4 ESTRANHOS EM TERRAS DE ESTRANGEIROS<sup>13</sup>

Para entendermos melhor a construção territorial e social do “quarto de despejo”, assim chamada a favela do Canindé pela escritora Carolina Maria de Jesus, se faz necessário viajarmos no tempo através de lentes históricas que explicam a integração da população negra na cidade de São Paulo no início do século XIX. “Restou-nos ver, em seguida, as consequências provocadas pela concentração na cidade dessa população e como ela evoluiu durante a fase histórico-social considerada” (FERNANDES, 1964, p.78).

Segundo o pesquisador Florestan Fernandes (1964), a capital paulista apresentava um rápido crescimento urbano no início do século XIX, sendo um “chamariz” para tendências migratórias no Brasil, atraindo grupos étnicos variados.

A ideia da cidade de São Paulo ser considerada um destino recorrente para a população negra não foi vista com bons olhos, segundo o pensamento disseminado pela elite da época. A vinda desta população requereria cuidados pois o negro e o mulato<sup>14</sup> estariam pré-determinados a “viver na vadiagem”<sup>15</sup>, representando um possível risco ao desenvolvimento promissor da cidade.

Para compreendermos melhor este fluxo migratório apresentamos o censo de 1886-1893, no qual analisaremos a concentração étnica/ racial no processo de expansão populacional da cidade.

---

<sup>13</sup> Termo retirado dos escritos de Florestan Fernandes (1964)

<sup>14</sup> Vocabulário frequentemente utilizado no séc XIX e XX para se referir a pessoas negras de pele clara, geralmente fruto de uma miscigenação. Atualmente não sendo mais de bom tom utilizá-lo devido a sua origem na palavra “mula”.

<sup>15</sup> Termo utilizado no código penal de 1890 para indivíduos que praticavam "*habitualmente à ociosidade, sendo válido para o trabalho, sem ter renda que assegure meios bastantes de subsistência, ou de prover a própria subsistência mediante ocupação ilícita*". Segundo o artigo *Trabalho, Vadiagem e Política em São Paulo do séc XIX (1870-1890)* da pesquisadora Mônica Muniz, a maior preocupação das autoridades com a vadiagem ou ociosidade, não era em relação à conjuntura econômica e social da época, mas a atitudes que pudessem colocar em questionamento a imagem da cidade moderna e civilizada que São Paulo queria passar naquele período. Após a crise escravista o número de presos com base neste código penal aumentou consideravelmente.

**Quadro 1** - Incremento dos diversos grupos de cor da população da capital (1886-1893)

**QUADRO 3**  
Incremento dos diversos grupos de cor da população da capital (1886-1893)

| Contingentes Demográficos | Censo de 1886 |                 | Censo de 1893 |                 |
|---------------------------|---------------|-----------------|---------------|-----------------|
|                           | Dados Brutos  | Números Índices | Dados Brutos  | Números Índices |
| Branco nacionais          | 24.249        | 100             | 44.748        | 184             |
| Branco estrangeiros       | 12.085        | 100             | 70.978        | 587             |
| Negros                    | 3.825         | 100             | 5.920         | 154             |
| Mulatos                   | 6.450         | 100             | 8.639         | 134             |

Fonte: Fernandes (1964, p. 79).

No quadro, podemos observar o fluxo migratório de entradas e saídas de diversos grupos étnicos, sendo eles: brancos nacionais, brancos estrangeiros, negros e mulatos; em uma época de rotatividade migratória intensa.

Contradizendo às preocupações da elite paulistana com as possíveis “massas de vadios” que adentravam a cidade, negros e mulatos representavam o menor número migratório na concentração territorial, muito abaixo dos imigrantes brancos estrangeiros, por exemplo. Mesmo em uma comparação com brancos nacionais, a população negra e mulata permanecia com o menor número nos índices demográficos.

A partir desses dados foram criadas algumas hipóteses que explicassem a baixa permanência de negros e mulatos na cidade de São Paulo. Uma das possíveis razões é a diluição dos mulatos na autodeclaração como brancos, ou a própria miscigenação, tendo como consequência o embranquecimento da população com o passar dos anos. Outro possível motivo se encontra na alta concentração de brancos estrangeiros no mercado de trabalho, fazendo com que negros e mulatos ficassem em desvantagem na procura por um emprego, preferindo outros destino para a migração.

Além das disputas externas com outros grupos étnicos, a população negra também lidava com subdivisões internas como as diferenciações dos tons da pele e gênero: negros retintos e mulatos; homem e mulheres. Como observamos na tabela acima, o número de mulatos era superior ao número de negros na cidade, existindo

uma diferenciação social entre eles no acesso a oportunidades de trabalho e aceitação social.

Os negros qualificados ou semiquilificados que conseguiram adquirir alguma formação escolar optavam por outras cidades do estado em busca de uma menor competição com trabalhadores brancos estrangeiros no mercado de trabalho. Já os que vinham do êxodo rural tinham uma maior “facilidade” na busca por empregos principalmente pela falta de informação e aderência a trabalhos braçais com baixa remuneração.

Na relação entre homens e mulheres (negros e mulatos) concentrava-se a maior diferença na adesão à vida urbana e buscas por empregos. Observemos:

**Quadro 2** - Incremento do Homens e Mulheres na “População Negra” na Capital (1890-1893)

|         | Censo de 1890 |                 |              |                 | Censo de 1893 |                 |              |                 |
|---------|---------------|-----------------|--------------|-----------------|---------------|-----------------|--------------|-----------------|
|         | Homens        |                 | Mulheres     |                 | Homens        |                 | Mulheres     |                 |
|         | Dados Brutos  | Números Índices | Dados Brutos | Números Índices | Dados Brutos  | Números Índices | Dados Brutos | Números Índices |
| Negros  | 2.508         | 100             | 2.388        | 100             | 2.528         | 122             | 3.392        | 142             |
| Mulatos | 3.027         | 100             | 3.369        | 100             | 3.371         | 123             | 4.908        | 145             |

Fonte: Fernandes (1964, p.81).

Ao analisarmos o censo de 1890-1893 com um recorte destinado ao gênero (masculino e feminino), podemos observar uma acentuada diferença entre homens e mulheres (negras e mulatas), sendo perceptível um número mais elevado de mulheres mulatas na construção da população negra residente na cidade de São Paulo.

Florestan (1964) explica que a alta demanda de famílias brancas da elite paulistana a procura de trabalhos domésticos está diretamente ligada a estes dados, resultado proveniente de resquícios de um sistema escravocrata, “(...) constatamos que o engendramento da mulata e da doméstica se fez a partir da figura da mucama” (GONZALEZ, 1984, p. 230).

Comparando a “dura labuta da roça” com o serviço doméstico, mulheres negras e mulatas preferiam exercer os serviços domésticos, ganhando assim, uma

“vantagem” em relação aos homens negros e mulatos visto que, neste ambiente de trabalho não havia concorrências com mulheres brancas estrangeiras e nacionais, eram serviços socialmente destinados às mulheres negras.

O que nos abre espaço para outra discussão: qual a imagem da mulher negra na sociedade brasileira?. respondendo este questionamento, o racismo e o sexismo contribuem para o imaginário sobre a mulher negra e como ela é vista a partir de três pontos: mulata, doméstica e mãe preta, segundo Lélia Gonzalez (1984).

A mulata carrega consigo um teor sexual, destinado a mulheres negras de pele mais clara, fazendo parte do mundo imagético do samba (festa, submissão e sexo); a doméstica, termo oriundo da palavra domesticar, está presente desde o passado escravocrata brasileiro: “Quanto à doméstica, ela nada mais é do que a mucama permitida, a da prestação de bens e serviços, ou seja, o burro de carga que carrega sua família e a dos outros nas costas” (GONZALEZ, 1984, p. 230).

Em um panorama geral da população negra na cidade de São Paulo de acordo com Florestan Fernandes (1964), faz-se necessário enfatizar que: a maior parte desta população negra e mulata não tinha experiência com o meio urbano; mesmo o(a)s que se adaptaram às rápidas transformações urbanas, ainda se viam como “estrangeiros numa cidade estrangeira” devido a construção estrutural racista da cidade; somente as mulheres negras tiveram maior acesso a condições favoráveis<sup>16</sup> e a uma possível mudança na estrutura econômica.

Todas as percepções sociais e históricas descritas pelo sociólogo Florestan Fernandes (1964) construíram a São Paulo que, anos depois, Carolina Maria de Jesus teria acesso. Mulher negra, imigrante vinda de Sacramento- MG, Carolina procurou na capital paulista a tão sonhada ascensão social, porém se deparou com a exclusão social por não se encaixar na figura de subalterna da doméstica.

A partir desta análise territorial da cidade de São Paulo, com base na obra *A integração do negro na sociedade de classes* (1964), e as implicações que o racismo e o sexismo agregam a esse tema, principalmente na construção social e psíquica do “ser favelado”, traremos uma outra perspectiva para a formação da territorialidade negra, onde será possível vivenciar o mundo fora da clandestinidade que a cor de

---

<sup>16</sup> Este possível “favorecimento” de mulheres negras e mulatas na cidade de São Paulo está relacionado exclusivamente a comparação com homens negros e mulatos com relação a outros grupos étnicos na competição no mercado de trabalho no início do final do séc XIX, justamente pela alta procura por serviços domésticos oriundos de um passado escravocrata, visto que ainda hoje mulheres negras vivem com salários mais baixos do que mulheres brancas, dentre outras tantas injustiças.

nossas peles nos proporciona em uma diáspora pensada e idealizada exclusivamente para o bem estar de pessoas brancas.

Em outras palavras, o negro não deve mais ser colocado diante deste dilema: branquear ou desaparecer, ele deve poder tomar consciência de uma nova possibilidade de existir; ou ainda, se a sociedade lhe cria dificuldades por causa de sua cor; se encontro em seus sonhos a expressão de um desejo inconsciente de mudar de, meu objetivo não será dissuadi-lo, aconselhando-o a “manter as distâncias”; ao contrário, meu objetivo será uma vez esclarecidas as causas, torná-lo capaz de *escolher* a ação (ou passividade) a respeito da verdadeira origem do conflito, isto é, as estruturas sociais (FANON, 2008, p. 96).

Pensando em outras formas de existência da população negra nas quais esses indivíduos poderiam exercer suas identidades ancestrais, trazemos a construção familiar de Carolina Maria de Jesus na formação do quarto de cura, lugar idealizado ao longo desta pesquisa para contrapor o quarto de despejo.

## 5 QUARTO DE CURA<sup>17</sup>

A construção do quarto de cura nasce a partir de uma nova perspectiva para pensarmos as nuances do livro *Quarto de despejo-diário de uma favelada* (2014), esta fundamentação se consolida em três pilares, sendo eles: cosmovisão africana, maternidade e decolonialidade dos corpos-territórios. É neste lugar de cura que promovemos a libertação da identidade da população negra paulistana fora da clandestinidade de suas próprias existências com base na vida e obra de Carolina Maria de Jesus.

Pensar a cosmovisão africana no território brasileiro é trazer um conjunto de filosofias e cosmologias de vida, que se cruzaram no Atlântico a partir da colonização. Esta cosmovisão africana se moldou durante os anos com o objetivo de

---

<sup>17</sup> Quarto de Cura é uma proposta de intervenção literária inspirada no Documentário *Quarto de Cura*, da artista Castiel Vitorino Brasileiro. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=p-ocCWGNucs&ab\\_channel=CastielVitorinoBrasileiro](https://www.youtube.com/watch?v=p-ocCWGNucs&ab_channel=CastielVitorinoBrasileiro)>.

Esta proposta identifica a escrita como cura e instrumento de transformação, pensando nos caminhos que um corpo negro percorre para alcançar a libertação da sua identidade. Interpretamos a obra de Carolina Maria de Jesus através de lentes curativas. Quarto de Cura é um lugar seguro potencializador dos indivíduos negros para o bem comum de toda a comunidade. Quando um de nós se cura todos nós nos curamos um pouco, se um de nós está doente todos nós adoecemos um pouco. Esta cura se estabelece em uma encruzilhada onde cosmovisão africana, maternidade e decolonialidade dos corpos-territórios se encontram.

se manter viva na diáspora, reverberando em manifestações identitárias e culturais, originadas na ancestralidade negra.

Desse modo, a ancestralidade aparece como nossa guia, a referência maior, a lógica que organiza o pensamento africano recriado em solo brasileiro, ou seja, é ela que permite se pensar, refletir, recriar, criar e vivenciar continuamente uma cosmovisão africana, é conceito e práxis, feita a partir do nosso próprio chão. (MACHADO, 2014, p.58)

É a partir da descrição de Adilbênia Machado (2014) que consideramos a ancestralidade negra como guia para a construção do quarto de cura, território seguro idealizado para a manifestação maternal e curativa, visando o bem-estar de Carolina e de seus três filhos, João José, José Carlos e Vera Eunice; promovendo uma outra forma de existência territorial em contraposição ao quarto de despejo.

Na construção deste contraponto territorial e identitário idealizado como *Quarto de Cura*, nosso foco se tornou a maternidade de Carolina Maria de Jesus, sendo um elemento recorrente descrito na obra *Quarto de despejo- diário de uma favelada* (2014), nela o bem estar dos seus três filhos aparece como uma prioridade.

Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos generos alimentícios impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar. (JESUS, 2014, p 11)

Carolina desejava criar João José, José Carlos e Vera Eunice em um lugar seguro para o desenvolvimento intelectual, social e emocional das crianças. Porém seu objetivo conflitava com o ambiente caótico da favela descrito pela autora. Em seu discurso são apontadas preocupações com o tratamento que seus filhos recebiam dos outros moradores da favela.

Hoje foi a Nair Mathias que começou a implicar com os meus filhos. A Silvia e o esposo já iniciaram o espetáculo ao ar livre. Ele está a espancando. E eu estou revoltada com o que as crianças presenciam. Ouvem palavras de baixo calão. Oh! se eu pudesse mudar daqui para um nucleo mais decente. (JESUS, 2014, p. 14).

Foi pensando nas relações conflituosas dos vizinhos com os filhos de Carolina, e em como ela se portava diante dessas situações, repreendendo e reivindicando cuidados para as crianças da comunidade (não somente seus filhos),



que retomamos os pilares do quarto de cura: cosmovisão africana, maternidade e decolonialidade dos corpos- territórios.

Um dos princípios básicos da filosofia africana e sua cosmovisão é a vivência em comunidade, um famoso provérbio africano diz: “Para se criar uma criança é preciso uma aldeia inteira”<sup>18</sup>. Segundo Sobonfu Somé (2003)<sup>19</sup>, a comunidade é um potencializador do indivíduo, é a partir dela que todas as nossas potencialidades são estimuladas e utilizadas para o bem comum. Nesta concepção de sociedade, a criança é vista como um ser que precisa de atenção e cuidados de toda a comunidade, visão que mesmo de forma instintiva Carolina já apresentava em seus escritos.

Talvez seja difícil, para quem sempre morou no Ocidente, ver tudo aquilo que possui como pertencente a toda a comunidade, mas este é o caso na aldeia. Como resultado, cada pessoa na aldeia contribui para o bem-estar dos outros. Quando você tem um filho, por exemplo, não é só seu, é filho da comunidade. Do nascimento em diante, a mãe não é a única responsável pela criança. Qualquer outra pessoa pode alimentar e cuidar da criança. Se outra mulher tiver um bebe, ela pode dar de mamar a qualquer criança. Não há o menor problema. (SOMÉ, 2003, p.42)

Para se perceber e vivenciar esta experiência comunitária é necessário um processo de decolonização dos indivíduos. Para nós, negros afro diaspóricos, diretamente influenciados pelo modo de viver ocidentalizado, a partir da construção do quarto de cura nos deparamos com uma possibilidade de existência em que os traumas coloniais podem ser ressignificados.

A meu ver, uma ação decolonial haverá, assim como na habilidade da ginga dos capoeiras, encontrar saídas para as arapucas que obstruem nossas liberdades. Assim, o enfrentamento do trauma colonial não é meramente um ato de deslocolonização, como se fosse possível um retorno, ou seja, uma reivindicação do ser/estar em uma experiência anterior ao acontecimento. O que venho a defender é a decolonialidade como uma capacidade de resiliência e transgressão diante do trauma e da violência propagada pelo colonialismo e conservada na esfera da colonialidade. Nesse sentido, o que responderá acerca da nossa capacidade de invenção no confronto a dominação do poder/ser/saber são as nossas invocações, incorporações e performances orientadas por um outro senso ético/estético. (RODRIGUES JR., 2018, p.73)

---

<sup>18</sup> Autor desconhecido, provérbio africano disseminado a partir de uma cultura oral.

<sup>19</sup> Sobonfu Somé é autora do livro *Espírito da Intimidade :Ensinaamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar*, obra que relata as relações comunitárias/sociais da tribo Dagara (África Ocidental).

Trouxemos aqui a proposta do quarto de cura como uma tentativa de ressignificação decolonial das violências territoriais vividas por Carolina Maria de Jesus relatadas no livro *Quarto de Despejo-diário de uma favelada* (2014). Apesar dos traumas coloniais vividos na favela do Canindé, Carolina foi capaz de exercer sua maternidade de um modo que podemos relacionar com as cosmovisões africanas de cuidado e proteção das crianças da comunidade.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, tivemos a oportunidade de explorar a obra *Quarto de despejo-diário de uma favelada* (2014), da escritora Carolina Maria de Jesus, publicada pela primeira vez em 1960.

Trazemos a memória como um dos pontos centrais desta discussão, reconstruindo as narrativas da minha família juntamente com a análise literária proposta, conectando eu, Vovó Dirce e Carolina através das territorialidades da cidade de São Paulo.

Abordamos o tema das divisões territoriais na capital paulista a partir de uma perspectiva racial, em que negros(as) e brancos(as) ocupam diferentes espaços sociais. Assim, exploramos os desdobramentos históricos que possibilitaram um maior entendimento do processo de integração da população negra na capital paulista no período pós abolição. Pudemos também verificar os efeitos psíquicos da territorialidade mental causada pela divisão racial dos espaços.

Além disso, buscamos entender a formação familiar de Carolina Maria de Jesus e suas vivências sociais enquanto mulher negra e mãe solo na favela do Canindé. Tais estudos ajudaram a fomentar a interpretação de sua obra, possibilitando um aprofundamento literário em diversas questões. Um exemplo dessas questões, detém-se na polêmica linguística envolvendo os escritos de Carolina, duramente criticada pela elite acadêmica.

Tivemos a oportunidade de destrinchar a construção étnico/racial da população paulistana no início do seu desenvolvimento urbano, período de um fluxo migratório intenso, levando em consideração aspectos étnicos (brancos, negros e mulatos), gênero (homens e mulheres) e nacionalidade (estrangeiros e brasileiros).

Finalizamos esta pesquisa propondo uma intervenção interpretativa da obra *Quarto de despejo-diário de uma favelada*, a qual chamamos de "Quarto de cura", contrapondo ao quarto de despejo, construído a partir da cosmovisão africana, da maternidade e da decolonialidade dos indivíduos.

### Referências

- BENTO, Maria Aparecida Silva. ***Branqueamento e branquitude no Brasil***. Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Rio de Janeiro: Vozes, p. 5-58, 2002.
- BRASILEIRO, Castiel Vitorino. ***Documentário Quarto de Cura***. Acesso em: 17/01/2022. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=p-ocCWGNucs&ab\\_channel=CastielVitorinoBrasileiro](https://www.youtube.com/watch?v=p-ocCWGNucs&ab_channel=CastielVitorinoBrasileiro)>.
- FANON, Frantz. ***Pele negra máscaras brancas***. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FERNANDES, Florestan. ***A integração do Negro na sociedade de classes***. 19<sup>o</sup> Vol. São Paulo, Dominus Editora, 1965.
- GOMES, Flávio dos Santos. Jaime Lauriano e Lilia Schwarcz. ***Enciclopédia Negra***. 1<sup>o</sup>ed. São Paulo: Companhia das Letras, p.108-110, 2021.
- GONZALEZ, Lélia. ***Sexismo e racismo na sociedade brasileira***. In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, p. 223-244, 1984.
- GONZALEZ, Lélia e Hasenbalg, Carlos. ***Lugar de negro***. Rio de Janeiro: Marco Zero, p. 09-66, 1982.
- JESUS, Carolina Maria de. ***Quarto de despejo: Diário de uma favelada***. 10<sup>a</sup> ed. São Paulo: Editora Ática, 2014
- LUNA, Luedji. ***Um corpo no mundo***. Acessado em 17/01/022. Disponível em:<[https://www.youtube.com/watch?v=V-G7LC6QzTA&ab\\_channel=ybmusic](https://www.youtube.com/watch?v=V-G7LC6QzTA&ab_channel=ybmusic)>.
- MACHADO, Adilbênia Freire. ***Ancestralidade e encantamento como inspirações formativas: filosofia africana e práxis de libertação***. Revista Páginas de Filosofia, v. 6, n. 2, p.51-64, jul./dez. São Paulo, 2014.
- MIRANDA, Fernanda R. ***Silêncios prescritos: estudos de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006)***. Rio de Janeiro: Editora Malês, 2019.
- PEREIRA, Gabriela Leandro. ***Corpo, discurso e território: a cidade em disputa nas dobras da narrativa de Carolina Maria de Jesus***. Tese de doutorado. Salvador: UFBA, 2015.

RODRIGUES JR., Luiz Rufino. ***Pedagogia das encruzilhadas***. Periferia, v. 10, n. 1, p. 71-88, 2018.

SANTOS, Milton. ***O dinheiro e o território***. GEOgraphia, v. 1, n. 1, p. 7-13, 1999.

SANTOS, Milton. ***Por uma Geografia cidadã: por uma epistemologia da existência***. In: Boletim Gaúcho. Porto Alegre, RS, n. 21, Ago. 1996

SOMÉ, Sobonfu. ***O espírito da intimidade: Ensinaamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar***. Odysseus, 2003.

SOUSA, Germana Henriques Pereira de. ***Memória, autobiografia e diário íntimo: Carolina Maria de Jesus: escrita íntima e narrativa da vida***. In: Hermenegildo Bastos; Adriana de F. B. Araújo (Org.). Teoria e prática da crítica literária dialética. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, p. 86-108, 2011.